

Saul Bellow

Na Corda Bamba

Tradução de Maria Adélia Silva Melo

15 de dezembro de 1942



HOUVE UM TEMPO EM QUE AS PESSOAS TINHAM O HÁBITO de se dirigir a si próprias com frequência e não tinham vergonha de fazer um registo das suas transações íntimas. Mas ter um diário é hoje considerado uma espécie de egoísmo, uma fraqueza e uma prova de mau gosto. Porque esta é uma era de dureza. Hoje em dia, o código do atleta, do tipo rijo – creio ser uma herança americana do *gentleman* inglês –, essa mistura curiosa de porfia, ascetismo, rigor, cujas origens há quem as encontre em Alexandre Magno – é mais forte que nunca. Tens sentimentos? Há maneiras corretas e incorretas de os traduzir. Tens uma vida interior? Ela só a ti diz respeito. Tens emoções? Amordaça-as. Toda a gente obedece a este código até certo ponto. E isto contém uma certa e limitada candura, uma retidão silenciosa. Mas tem um efeito inibitório na candura mais verdadeira. Os assuntos mais sérios estão interditos às pessoas duras. Elas não têm a prática da introspeção, e encontram-se por isso mal equipadas para lidarem com adversários que não podem alvejar como se fossem caça grossa ou exceder em audácia.

Se te vires em apuros, agarra-os sem fazer barulho, diz um dos seus mandamentos. Que vão para o Diabo com isso! Tenho a intenção de falar sobre a minha vida interior, e se eu tivesse tantas bocas como Shiva tem braços e as mantivesse constantemente

em atividade, mesmo assim eu não me poderia fazer justiça. No meu atual estado de desmoralização tornou-se-me necessário manter um diário – e de maneira nenhuma me sinto culpado de fraqueza ou egoísmo. Encontram os duros compensação no seu silêncio; eles pilotam aviões ou lidam touros ou apanham cachalotes enquanto eu raramente saio do quarto.

Numa cidade onde se viveu quase toda a vida não é provável que se seja sempre solitário; e, no entanto, num sentido muito real, é esse precisamente o meu caso. Estou só durante dez horas por dia, num quarto apenas. Em relação aos outros quartos, este não é mau, embora haja as inconveniências típicas das casas particulares: cheiros a comida, a peixe e vizinhos esquisitos. Mas com os anos habituei-me a isto tudo.

Tenho um bom stock de livros. A minha mulher está sempre a trazer-me livros novos, na esperança de eu os usar. Bem gostaria de o poder fazer. Nos velhos tempos, quando tínhamos um apartamento, eu lia continuamente. Estava sempre a comprar livros, mais, reconheço-o, do que podia ler. Mas enquanto eles me rodeavam garantiam-me a existência de uma vida alargada, muito mais preciosa e necessária do que a que eu era obrigado levar no dia a dia. Se era impossível sustentar em todos os momentos esta vida superior, eu podia pelo menos guardar os sinais dessa vida ao alcance da mão. Quando ela se esvanecia, eu podia vê-los e tocá-los. Agora, porém, agora que tenho disponibilidade e que me poderia dedicar aos estudos que comecei em tempos, sinto-me incapaz de ler. Os livros não me atraem. Depois de duas ou três páginas ou, como às vezes acontece, de dois ou três parágrafos, não consigo continuar.

Passaram-se quase sete meses depois de ter deixado a Agência de Viagens Interamericana para cumprir o serviço militar. Ainda estou à espera. Parece uma coisa trivial, uma espécie de comédia burocrática enfeitada em papel selado. A princípio, eu

próprio tomei essa atitude em relação ao caso. Começou como se fossem férias, um pequeno adiamento, em maio passado, quando me mandaram embora porque os meus papéis não estavam em ordem. Vivi aqui dezoito anos, mas sou ainda canadiano, súbdito britânico, e embora fosse um estrangeiro de um país amigo, não podia ser admitido sem se proceder a uma investigação. Esperei cinco semanas e pedi então ao Sr. Mallender, da Interamericana, que me readmitisse temporariamente, mas o negócio estava tão em baixo, disse-me ele, que tinha sido obrigado a despedir o Sr. Trager e o Sr. Bishop, apesar dos seus longos anos de serviço, e não podia de maneira nenhuma ajudar-me. Em fins de setembro recebi uma carta a informar-me de que já se tinha procedido à investigação e tinha sido admitido e que, de acordo com os regulamentos, devia apresentar-me para fazer uma segunda análise ao sangue. Passado um mês notificaram-me de que estava na lista de recrutamento e disseram-me que me aprontasse. Esperei de novo. Finalmente, quando chegámos a novembro, comecei a investigar e descobri que, devido a uma nova cláusula respeitante a homens casados, a minha entrada fora mais uma vez adiada. Pedi nova inspeção, alegando que tinha estado impedido de trabalhar. Após três semanas de explicações, fui transferido para o 3A. Mas antes de poder agir (numa semana, para ser exato), chamaram-me para fazer outra análise ao sangue (as análises só têm validade por 60 dias). Mandaram-me assim para trás. Tenho a certeza de que ainda não acabou todo este aborrecimento. Há de prolongar-se por outros dois ou três ou quatro meses.

Entretanto, Iva, a minha mulher, tem estado a manter-me. Ela diz que não lhe custa nada e quer que eu goze esta liberdade, que leia e faça todas aquelas coisas maravilhosas que não poderei fazer no exército. Há cerca de um ano comecei, cheio de ambições, alguns ensaios, em especial ensaios biográficos sobre os filósofos do iluminismo. Estava a meio de um trabalho sobre Diderot

quando parei. Mas ficou vagamente assente, quando comecei a andar de um lado para o outro, que continuaria a trabalhar neles. Iva não queria que eu arranjasse emprego. De qualquer modo, ficando na lista de recrutamento não iria arranjar nada capaz.

Iva é uma rapariga calma. Tem uma maneira de ser que desencoraja a conversa. Já não confiamos um no outro; há, de facto, muitas coisas que eu não lhe poderia dizer. Temos amigos, mas já não os vemos. Alguns vivem na cidade, mas muito longe. Outros estão em Washington e outros no exército; um está no estrangeiro. Eu e os meus amigos de Chicago temos estado a afastar-nos progressivamente. Não tenho tido muito interesse em me encontrar com eles. É natural que algumas das nossas diferenças pudessem ser ultrapassadas. Mas, segundo creio, o elo mais forte que nos unia quebrou-se e até hoje não senti qualquer incentivo para o substituir. E é por isso que estou muito sozinho. Sento-me, sem fazer nada, no meu quarto, antecipando as menores crises do dia, o bater à porta da criada, a chegada do carteiro, programas de rádio, e a angústia certa e cíclica de certos pensamentos.

Pensei em ir trabalhar, mas não estou disposto a aceitar que não sei usar a minha liberdade e que tenho de abraçar o servilismo de um emprego porque não tenho recursos – em suma, porque não tenho carácter. Tentei alistar-me na marinha da última vez que fui à inspeção, mas os estrangeiros não podem escolher. Não há nada a fazer senão esperar, ou balouçar-me e desmoralizar cada vez mais. Sei perfeitamente que me estou a deteriorar e a armazenar azedume e despeito que corroem como ácidos o meu dom natural de generosidade e boa vontade. Mas o adiamento de sete meses é apenas uma das causas da minha perturbação. Penso às vezes que isto é a corrente contra a qual me podem ver a remar. É mais do que isso. Antes de poder calcular devidamente o mal que me tem feito, terei de ser abatido.

16 de dezembro

Comecei a notar que quanto mais ativamente se move o resto do mundo mais devagar me movimento, e que a minha solidão aumenta na mesma proporção que a confusão e o frenesi do mundo. A mulher do Tad escreveu esta manhã de Washington a dizer que ele tinha ido de avião para o Norte de África. Em toda a minha vida nunca me senti tão preso. Nem sequer consigo ir à tabacaria para buscar tabaco, embora me apetecesse fumar. Esperarei. E simplesmente porque o Tad está agora a aterrar em Argel ou em Orão ou já a dar o seu primeiro passeio na casbá – vimos juntos o ano passado o *Pepe le Moko*. Estou sinceramente contente por causa dele, não tenho inveja. Mas persiste a sensação de que enquanto ele voa para África e o nosso amigo Stillman viaja no Brasil, eu crio raízes na minha cadeira. É uma sensação real, física. Nem tento levantar-me. É possível que pudesse levantar-me, andar pelo quarto, ou até ir à tabacaria, mas o esforço pôr-me-ia num estado desagradável. Isto passa se eu não ligar. Fui sempre muito atreito a alucinações como esta. Em pleno inverno, isolando uma parede batida pelo sol, fui capaz de me convencer, apesar do gelo que me rodeava, de que estávamos em julho e não em fevereiro. Transformei da mesma maneira o verão e fui capaz de tremer de frio quando o calor era abrasador. E acontece também o mesmo com as horas do dia. É um truque vulgar, creio eu. Pode talvez ser levado demasiado longe e obstruir o sentido da realidade. Quando Marie vier fazer a cama, levanto-me, abotoo o casaco e vou à tabacaria, e é nessa altura que esta sensação acabará por passar.

Estou geralmente numa ansiedade enorme para encontrar uma razão para sair do quarto. Logo que entro no quarto começo a ver se arranjo uma razão para sair. Quando saio, não me afasto muito. O meu raio de ação circunscreve-se a três quarteirões.

Estou sempre com medo de encontrar alguém conhecido, que ficaria surpreso por me ver e me faria perguntas. Evito ir ao centro e, quando tenho mesmo de ir, tenho o cuidado de me afastar de certas ruas. E creio que me ficou desde os meus tempos de escola a sensação de que há qualquer coisa de ilegal em estar fora, sem fazer nada, a meio do dia.

Não consigo, porém, encontrar muitas razões para sair. Saio muito raramente mais de quatro vezes por dia, três vezes para as refeições e a quarta vez para fazer um recado que inventei ou por um impulso sem finalidade. Raramente dou longos passeios. Estou a engordar por falta de exercício. Quando Iva objeta, faço-lhe ver que hei de emagrecer bastante no exército. Nesta altura do ano, as ruas estão sinistras, e além disso também não tenho galochas. Faço às vezes uma excursão mais longa, à lavandaria ou ao barbeiro, ao Woolworth para comprar envelopes, ou até mais longe, a pedido de Iva, para ir pagar uma conta; ou, sem ela saber, para ir ver Kitty Daumler. E há então as visitas obrigatórias à família. Caí no hábito de estar sempre a mudar de restaurante. Não me quero tornar demasiado conhecido em nenhum deles, nem entabular conversa com os criados e as criadas, com os empregados da caixa, para não me ver obrigado a inventar mentiras para bem deles.

Tomo o pequeno-almoço às oito e meia. Volto em seguida para casa e sento-me numa cadeira de baloiço perto da janela a ler o jornal. Leio o jornal do princípio ao fim, como se fosse um ritual, sem perder uma palavra. Leio primeiro as histórias em quadradinhos (leio-as sempre porque sempre o tenho feito desde a minha infância, e forço-me a ler até as mais recentes, as mais sem graça), leio em seguida as notícias sérias e os artigos e, finalmente, a bisbilhotice, a página social, as receitas, a necrologia, as notícias da alta-rodada, os anúncios, os puzzles infantis, tudo.

Ponho-o de lado com relutância, volto até a ler as histórias aos quadradinhos para ver se deixei passar qualquer coisa.

Ao voltar para a vida acordada depois da regeneração (quando o é) do sono, passo, em corpo, da nudez para o fato, e em espírito, da pureza relativa para a poluição. Ao escancarar a janela vejo como está o tempo; ao abrir o jornal, admito o mundo.

Estou agora cheio do mundo, e completamente acordado. É quase meio-dia, hora do almoço. Desde as onze horas que me tenho sentido cada vez mais agitado, pensando que estou outra vez com fome. Caem sons nítidos no silêncio da casa, o fechar de uma porta num outro quarto, o tiquetique de gotas a caírem de uma torneira, o sussurro do vapor do radiador, o bater de uma máquina de costura no andar de cima. A cama por fazer, as paredes, com riscas brilhantes. A criada bate e abre a porta. Traz um cigarro na boca; creio que sou a única pessoa em frente de quem ela se atreve a fumar; ela reconhece que eu não valho nada.

Descubro no restaurante que não tenho fome nenhuma, mas agora não tenho outra hipótese e, por isso, como. Custa-me um pouco mais a subir as escadas desta vez. Entro no quarto ofegante e abro o rádio. Oiço durante meia hora música sinfónica, fico perturbado por não ter conseguido apanhar o locutor antes de ele começar a anunciar vestuário. O dia mudou pela uma hora, senti uma nova espécie de agitação. Fiz um esforço para ler mas não consigo que o meu espírito capte as frases na página nem o sentido das palavras. O meu espírito redobra os esforços, mas pensamentos de relevância duvidosa entram e saem da minha mente, tanto os triviais como os importantes. E de repente fecho o livro. Está tão vazio como a rua. Levanto-me e torno a abrir o rádio. Três horas e nada me aconteceu; três horas e já está a escurecer; três horas e o carteiro passou pela última vez e não me deixou nada na caixa. Li o jornal e dei uma vista de olhos a um livro, tive uns quantos pensamentos ao acaso...

«O Sr. Cinco-vezes-cinco
Tem cinco pés de altura
E cinco pés de largura...»

e neste momento, tal como qualquer dona de casa, estou a ouvir rádio.

A filha da senhoria advertia-nos de que não devíamos ter o rádio muito alto; a mãe há mais de três meses que está de cama. A velhota não deve ir longe. Está cega e quase careca; deve ter perto dos noventa. Vejo-a às vezes, por entre as cortinas, quando vou a subir as escadas. A filha tem estado a tomar conta da casa desde setembro. Ela e o marido, o capitão Briggs, vivem no terceiro andar. Ele trabalha na Divisão de Abastecimentos. Um homem de cerca de cinquenta anos (muito mais velho do que a mulher), é bem constituído, asseado, grisalho e de poucas falas. Vemo-lo muitas vezes a passear em frente da casa, fumando o seu último cigarro até se deitar.

Às quatro e meia oiço o Sr. Vanaker, que vive ao lado a tossir e a rosnar. Iva, por qualquer razão que desconheço, pôs-lhe o nome de «lobisomem». É uma criatura esquisita, maçadora. Estou convencido de que a tosse é em parte alcoólica e em parte nervosa. E é também uma espécie de atividade social. Iva não concorda. Mas eu sei que ele tosse para chamar as atenções. Tenho vivido tanto tempo em casas particulares que já tenho olho para este tipo de coisa. Há anos, na Dorchester Avenue, havia um velho que se recusava a fechar a porta, mas que estava sentado ou deitado voltado para o hall a observar toda a gente dia e noite. E havia um outro na Rua Schiller que tinha sempre a água a correr no lavatório. Era esta a maneira que ele tinha de se nos fazer notado. O Sr. Vanaker tosse. Não é só isso, mas quando vai à retrete deixa a porta escancarada. Cambaleia pelo hall e logo a seguir ouve-se o homem a urinar. Iva queixou-se recentemente disto

à Sra. Briggs, que colou um aviso na parede: «É favor fechar a porta quando está a usar a casa de banho e agradece-se que usem roupões.» Até agora não valeu de nada.

A Sra. Briggs contou-nos vários factos interessantes acerca de Vanaker. Antes de a velhota cair de cama ele estava constantemente a convidá-la para ir ao cinema. «Quando toda a gente via que a Mamã não via um palmo à frente do nariz.» A princípio tinha o hábito de correr lá para baixo para atender o telefone. Só com as calças do pijama – esta a razão do aviso acerca dos roupões. O capitão teve de intervir e pôr ponto final na questão. Marie encontrou beatas de cigarros esmagadas no chão de quartos desocupados. Ela suspeita de que o Vanaker anda a espiar pela casa. Não é *gentleman* nenhum. Ela limpa-lhe o quarto, e sabe disso. Marie tem uma bitola apertada para a conduta dos brancos e as narinas abrem-se-lhe quando fala dele. A velhota, Sra. Kiefer, ameaçou pô-lo fora uma vez, segundo ela diz.

Vanaker é enérgico. Sem chapéu, e no seu casaco de pele de toupeira, sobe depressa a rua e passa rápido por entre os arbustos cobertos de neve. Atira com a porta da rua e tira devagar a neve das botas no primeiro degrau. Então, tossindo loucamente, sobe a correr.

Encontro-me com Iva às seis horas no Fallon para jantar. Comemos lá quase sempre. Vamos às vezes ao Merit ou à pizzeria na Rua Cinquenta e Três. São geralmente curtos os nossos serões. Vamos para a cama antes da meia-noite.

17 de dezembro

Que narcótico entorpecimento! Há ocasiões em que nem sequer tenho consciência de que qualquer coisa está errada nesta existência. Mas, por outro lado, há ocasiões em que desperto em

perturbação e vexame, e nessas alturas vejo-me como um mutilado de guerra. Não sou o mesmo. Na semana passada dois incidentes mostraram-me até que ponto. O primeiro quase não é um incidente. Estava a folhear a *Poesia e Vida* de Goethe quando dei com a seguinte frase: «Este tédio à vida tem causas físicas e morais...» Isto excitou-me o suficiente para continuar a ler. «O conforto, na vida, baseia-se numa ocorrência regular de fenómenos externos. As mudanças dos dias e das noites, das estações, das flores e dos frutos, e todos os outros que se repetem e que vêm ao nosso encontro, que podemos e deveríamos gozar – estas são as fontes principais da nossa vida terrena. Quanto mais abertos estamos a estes prazeres, tanto mais felizes nos sentimos; mas se estes fenómenos se desenrolam sem que nós nos interessemos por eles, se formos insensíveis a tais solicitações de beleza, então avassalamos o pior dos males, a doença mais grave – consideramos a vida como um fardo tedioso. Diz-se que um inglês se enforcou para não ter de continuar a vestir-se e a despir-se todos os dias.» Continuei sempre a ler com uma sensação estranha. O título de Goethe na página seguinte era «Cansado da Vida». Seguiu-se a afirmação: «Não há nada que cause mais este cansaço da vida do que a recorrência da paixão de amar.» Profundamente desapontado, fechei o livro.

De qualquer maneira, não pude deixar de ver como isto teria tido em mim um efeito tão diferente há um ano, e até que ponto havia mudado. Nessa altura poderia ter achado que era verdade, mas não o considerava digno de nota. Poderia ter achado piada ao inglês, mas não teria ficado comovido. Mas o seu fastio pôs de lado essa «paixão de amar» e ele imediatamente se colocou para mim ao lado do assassino Barnardine da *Medida por Medida*, cujo desprezo pela vida se igualava ao seu desprezo pela morte, de modo que não saía da cela para ser executado. Ter sido atraído por estes dois era a prova de que eu na verdade tinha mudado.